

COORDENAÇÃO/SUBORDINAÇÃO?

INTRODUÇÃO

A coordenação e a subordinação constituem um tema problemático e complexo (Quirk *et al.*, 1985; Lobo, 2001; Lobo, 2003; Matos, 2003; 2004; Lopes, 2004; Matos e Prada, 2004; Colaço, 2004; 2005).

O presente trabalho centra-se na análise das diferenças entre coordenação e subordinação e, de forma mais particular, nas situações mais problemáticas em que se torna difícil identificar se estamos perante coordenação ou subordinação, nomeadamente:

- i) coordenadas adversativas vs. subordinadas concessivas;
- ii) coordenadas explicativas vs. subordinadas causais.

Adicionalmente, o trabalho pretende igualmente questionar os critérios estabelecidos pela tradição gramatical para distinguir estes dois processos de criar frases complexas:

- i) a dependência ou não das orações^[1];
- ii) a classificação dos conectores introdutórios da oração.

Todo o trabalho foi orientado no sentido de encontrar as diferenças entre coordenação e subordinação e não restringi-las a meras classes formais, como acontecia na tradição Luso-Brasileira. Na nossa opinião, não podemos criar categorias de conjunções e colocar palavras em cada uma delas, incentivando dessa forma a mera memorização de conjunções, no ensino da língua. Consideramos, portanto, que os critérios tradicionalmente enunciados são pouco precisos para explicar a complexidade da coordenação e subordinação (cf. Lobo, 2001, 2003; Matos, 2003; 2004) e que se deve proceder a testes para ver o comportamento das diferentes conjunções.

Com o intuito de procurar respostas mais conclusivas para esta questão, alguns dos objectivos que presidiram a este trabalho foram os seguintes:

- i) estabelecer critérios/ testes para a distinção entre coordenação e subordinação;
- ii) definir o estatuto/ representação sintáctica da coordenação e subordinação;
- iii) descrever diferenças entre coordenadas adversativas e subordinadas concessivas;

^[1] Tradicionalmente, a coordenação é definida como uma estrutura em que não existe dependência, ao contrário da subordinação.

- iv) descrever diferenças entre coordenadas explicativas e subordinadas causais.

Numa primeira abordagem, centrar-nos-emos nas diferentes perspectivas tradicionais sobre este tema, para, de seguida, as confrontarmos com perspectivas mais recentes que são, no nosso ponto de vista, mais precisas e coerentes. Ao longo do texto, tentaremos demonstrar que as definições de coordenação e subordinação não são simples e existem muitos aspectos que devem ser tidos em conta, nomeadamente pontos em comum entre as duas estruturas, quer a nível sintáctico, quer semântico.

Com o intuito de analisar as diferenças entre coordenação e subordinação o trabalho inicia-se com uma breve apresentação de algumas perspectivas teóricas presentes na literatura e com a análise do corpora, retirado, na sua grande maioria, do Cetempúblico, para além de alguns exemplos de autores citados e devidamente identificados.

1. PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO LUSO-BRASILEIRA

Barbosa (1822:365-366) faz a distinção entre proposições parciais, que correspondem às completivas, relativas e algumas comparativas, e as totais, coordenativas e adverbiais^[2]. Como se pode constatar, subordinadas adverbiais e coordenadas estão no mesmo grupo no caso das proposições parciais, o que parece apontar para pontos em comum entre as coordenadas e as subordinadas adverbiais.

Cunha e Cintra (1984: 592) defendem que a oração subordinada desempenha sempre uma função sintáctica e funcionam sempre como “TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES OU ACESSÓRIOS” (Cunha e Cintra, 1984: 594, maiúsculas dos autores)^[3]. Por outro lado, a oração coordenada, segundo os referidos autores (Cunha e Cintra, 1984: 592), “nunca é termo de outra oração nem a ela se refere.”

²[] Barbosa (1822: 365) distingue-as da seguinte forma: “Estas orações, que modificação ou o sujeito, ou o attributo da proposição principal, chamão-se *Parciaes*, porque fazem parte dos mesmos, em contraposição às *Totaes*, que não fazem parte, nem Grammatical, nem integrante de outras”. (itálico do autor)

As orações ou Proposições Parciaes são de dous modos, ou *Incidentes* ou *Integrantes*. As primeiras são as que modificam qualquer dos termos da proposição total, ou explicando-o ou restringindo-o [...].”

³[] O critério da função sintáctica desempenhada pela subordinada é igualmente referido por Lopes (2004: 62), que afirma: “Diz-se frequentemente que a coordenação se distingue da subordinação pelo facto de na coordenação nenhuma das orações desempenhar um papel sintáctico ou temático em relação à outra, enquanto que, na subordinação, a oração subordinada desempenha uma função sintáctica (sujeito, complemento directo, complemento preposicionado ou adjunto) e uma função temática relativamente à oração subordinante.”

Todavia, o facto de as orações subordinadas desempenharem uma função sintáctica também é questionável, visto algumas das subordinadas adverbiais poderem não desempenhar uma função sintáctica (cf. Lopes, 2004: 62-63), como acontece em (1), (2) e (3):

(1) Embora seja já tarde, ainda vou ao supermercado (Lopes, 2004: 63).

(2) Uma vez que vieste, aproveita a festa.

(3) Está tanto frio que tenho as mãos geladas. (Lopes, 2004: 63).

(4) Não diga Macedo que o aborto não atenta contra a vida, pois, atestará, de novo, a sua ignorância das Escrituras. (Cetempúblico)

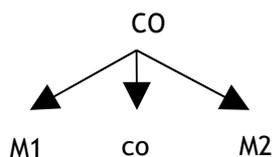
Portanto, o critério funcional^[4] não parece ser o mais adequado, como é argumentado por Lopes (2004: 64), sobretudo no caso das subordinadas adverbiais que nem sempre desempenham uma função sintáctica. Após uma pesquisa sobre funções sintácticas de *e*, *porque*, *mas*, *embora*, *pois* e *ou* constatou-se que apenas *mas* não surge com nenhuma função associada

Como afirma Lobo (2003: 18) “a aproximação lógica de coordenadas e de adverbiais reflecte-se por vezes em comportamentos sintácticos semelhantes, levando a que nem sempre seja fácil estabelecer uma linha demarcadora entre coordenação e subordinação.”

Uma outra noção tradicional que norteou a distinção entre coordenação e subordinação é a de hierarquia vs. paralelismo. Dik (1972:25), por exemplo, define coordenação da seguinte forma: “consisting of two or more members which are equivalent as to grammatical function, and bound together at the same level of structural hierarchy by means of a linking device.”

Tendo em conta a definição apresentada, Dik (1972:36) propõe a representação (5) para a coordenação e (6) para a subordinação.

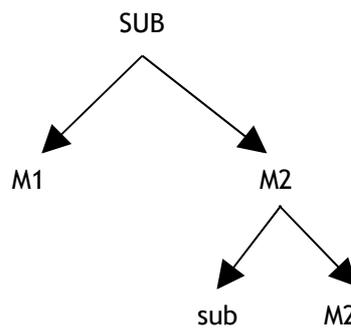
(5) Representação para a estrutura de coordenação



Dik, 1972:36)

⁴[] A atribuição de uma função sintáctica às coordenadas.

(6) Representação para a estrutura de subordinação



(Dik, 1972:36)

A diferença entre coordenação e subordinação assentava essencialmente no facto de na coordenação as orações apresentarem valores idênticos, podendo-se falar de paralelismo⁵, enquanto que na subordinação uma das orações completa a outra, estabelecendo-se uma relação de dependência (Rodrigues, 1999: 3855⁶; Garcia, 2003). Também estas ideias de paralelismo e de dependência estão ligadas às noções de *parataxe* e *hipotaxe*. Tradicionalmente, como afirma Colaço (2005: 18-19): “O processo de coordenação muitas vezes considerado equivalente ao fenómeno de parataxe, é, então, diagnosticado a partir da independência ou equivalência em termos sintácticos dos elementos coordenados.”

Contudo, devemos ter em linha de conta que a parataxe não se limita apenas à coordenação, como argumenta Quirk *et al.* (1985: 918-919):

*“Coordination and subordination are special cases of two types of syntactic arrangement traditionally known as PARATAXIS (‘equal arrangement’) and HYPOTAXIS (‘underneath arrangement’). [...] The opposition between coordination and subordination, and that of parataxis and hypotaxis, are often treated as equivalents. But we may distinguish them as follows. Parataxis applies not only to coordinate constructions, but to other cases where the two units of equivalent status are juxtaposed [...]”*⁷

⁵ Garcia (2003), citado por Marques (2006:3), argumenta que coordenação “é um paralelismo de funções ou valores idênticos”

⁶ Rodrigues (1999: 3855), em nota de rodapé, afirma o seguinte: “Una construcción coordinada consta de dos o más miembros que son equivalentes en cuanto a su función gramatical y que mediante un determinado nexo se situan en un mismo nivel de jerarquía estructural, esto es, no existe entre ellos ningún tipo de dependencia sintáctica.” (sublinhado nosso).

⁷ Marques (2006:8), cita Carvalho (2004), para afirmar que a perspectiva da GT relativamente à coordenação e subordinação é insuficiente devido à insuficiência da relação coordenação/ subordinação para descrever todo o tipo de frases complexas, insuficiência da noção de (in)dependência.

De facto, a parataxe pode englobar fenómenos de coordenação e também de justaposição (Matos, 2004: 692)^[8], como já foi referido.

De acordo com Matos (2004: 697), a parataxe apresenta as seguintes propriedades formais:

- i) A parataxe articula expressões linguísticas do mesmo nível, detentoras de autonomia sintáctica;
- ii) é um processo de formação de conexão de frases, que engloba a coordenação frásica e a justaposição^[9];
- iii) as frases conectadas são interpretadas como domínio não-ilha, um relativamente ao outro.

As propriedades i) e ii) aplicam-se também à coordenação, mas relativamente à propriedade iii) tal não se verifica, visto não existir mobilidade (Colaço, 2004: 443)^[10], como acontece na subordinação adverbial.

No nosso ponto de vista, há construções que podem ser casos de fronteira entre coordenação e subordinação, sobretudo nas subordinadas adverbiais que apresentam, por vezes, pontos em comum com as duas estruturas em questão. Para além do facto de na coordenação também existir uma hierarquia, embora de ordem diferente.

Uma outra afirmação questionável é também a ideia de que os elementos que se coordenam têm de ser iguais, como se pode ver em (7) os elementos são diferentes.

(7) Comprei alguns livros muito interessantes, mas que foram caros.

Em conclusão, a coordenação não é a soma de elementos na mesma estrutura. Há uma hierarquia, mas não uma dependência, no nosso ponto de vista.

Como se constata, esta distinção entre coordenação e subordinação é uma distinção difícil, complexa e não tem “carácter universal” (Lobo, 2003: 16)^[11]. No caso do PE, a dificuldade assenta no facto de ser problemático atribuir um conjunto de propriedades às subordinadas que as distingam das estruturas coordenadas. De facto, as subordinadas tradicionalmente designadas de adverbiais, à semelhança das estruturas coordenadas, não funcionam como argumento nuclear de ambos os predicados da frase matriz; embora possam ocupar, consoante

⁸[] Portanto, não pode ser estabelecida uma ligação exclusiva com a parataxe. A coordenação pode corresponder à parataxe em determinadas características, mas não em todas. Há graus de proximidade (cf. Quirk *et al.*, 1985).

⁹[] Matos (2004:689) define justaposição como “um processo linguístico que consiste na colocação de uma oração junto a outra sem que qualquer delas perca a autonomia.”

¹⁰[] Colaço refere que as conjunções coordenadas são ilhas, citando mesmo a restrição das conjunções coordenadas (*The Coordinate Structure Constraint*), formulada por Ross (1967: 89): “In a coordinate structure, no conjunct can be moved, nor may any element in a conjunct be moved out of that conjunct.”

¹¹[] Segundo a autora, esta distinção em certas línguas não é pertinente e os critérios variam consoante a língua em estudo (Lobo, 2003: 16).

o tipo de subordinada, uma posição integrada ou uma posição periférica (cf. Lobo, 2003: 18; Lobo, 2004; Matos, 2004).

1.1 CONJUNÇÕES, CONECTORES E COMPLEMENTADORES

Na tradição gramatical Luso-Brasileira a classificação das conjunções (subordinadas ou coordenadas) constituía um outro elemento para distinguir coordenação de subordinação, pois eram criadas “listas” e as conjunções colocadas nas diferentes categorias.

De acordo com a tradição, conjunções são “vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (Cunha e Cintra, 1984: 575). Um dos aspectos a questionar é se se trata de uma definição de base gramatical ou semântica. De acordo com Cunha e Cintra (1984: 575), “As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS.” (maiúsculas dos autores). Relativamente às subordinativas, os autores referem que “ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra”.

Por outro lado, Quirk *et al.* (1985: 927) apresenta a distinção entre *coordinators* (*and, or, but*), *conjuncts* (*yet, so, nor, however, therefore*) e *subordinators* (*for, so that, if, because*)[¹²]. Esta distinção parece comprovar a ideia de que nem todas as conjunções terão o mesmo valor, a mesma função, não permitindo assim a criação de categorias estanques.

A tradição da gramática Luso-Brasileira apenas falava em conjunções, que eram distinguidas da seguinte maneira, de acordo com Ali (1931: 220-221):

“Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem paralelismo sintáctico entre duas orações, e subordinativas aquelas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe um carácter ou de substantivo ou de advérbio.”

Matos (2003:558), por outro lado, faz a distinção entre conjunções e complementadores, que são tradicionalmente designados por conjunções subordinativas. Conjunções e complementadores, de acordo com a referida autora, são categorias funcionais diferentes. Matos (2003: 558) apresenta ainda uma outra classe: os conectores, que podem igualmente fixar o nexos semântico entre os termos coordenados.

¹²[] Quirk *et al.*(1985: 927) refere estas categorias para o Inglês.

As diferenças entre conectores e conjunções não são devidamente exploradas na tradição gramatical Luso-Brasileira. A mesma autora (Matos, 2003) resume as diferenças entre estas duas categorias da seguinte forma: “Os conectores são expressões que têm um âmbito mais geral do que as conjunções. Ocorrem tanto em domínios de coordenação como de subordinação, mantendo o seu papel de explicitar a ligação entre os constituintes envolvidos. Os conectores distinguem-se formalmente das conjunções e dos complementadores pelo facto de poderem co-ocorrer com eles.”

Em conclusão, podemos afirmar que as tradicionais definições de conjunções são questionáveis e insuficientes, comprovando-se, assim, a necessidade de criar diferentes categorias tendo em conta a função desempenhada, nomeadamente: conjunções, conectores e complementadores.

A classificação das conjunções coordenadas e subordinadas pode apresentar algumas questões e deve ser analisada em contexto; um dos casos mais problemáticos é o do *porque*, tradicionalmente classificado como explicativo e como causal^[13]. No entanto, esta divisão assenta sobretudo em nexos semânticos, não é uma questão sintáctica.

O *e*, por exemplo, é consensualmente classificado de conjunção copulativa/ aditiva (Cunha e Cintra, 1984), mas nalgumas frases também pode ter o valor de condição, com em (8):

(8) Dê um boticário no dia das mães e transforme a sua numa linda mulher. (Propaganda para o dia das mães d’Boticário, outdoor, Juiz de Fora, abril/2006) (Exemplo de Marques, 2006: 10).

Na nossa opinião, o *e* é sempre uma conjunção coordenada copulativa, o que não quer dizer que não haja valores de dependência semântica entre as duas orações coordenadas. Noutras situações, ao valor básico do *e* somam-se outros nexos semânticos específicos, que têm a ver com questões contextuais (linguísticas) e extra-linguísticas (cf. Colaço, 2005: 17).

Em conclusão, a caracterização das conjunções coordenativas necessita de uma identificação das características formais que lhes são inerentes e específicas (Colaço, 2005: 20). Segundo a mesma autora, esta descrição das propriedades das conjunções coordenativas permitirá distingui-las de:

- i) Conexão de constituintes, independentemente da sua natureza categorial.

¹³[] Ali (1931: 220-221) afirma: “a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbiais não é bastante clara. Nenhuma dúvida há sobre as espécies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo, porém entre as partículas causais figura *porque* ora como coordenativa, ora como subordinativa.”

- ii) Expressões adverbiais que podem funcionar como coordenação e não têm o estatuto conjuncional coordenativo (cf. Colaço, 2005: 42).

1.1.1 SUBCATEGORIAS DAS CONJUNÇÕES

Barbosa (1822: 350, 409) classifica as conjunções em:

- i) conjunções *homologas* ou *similares*, que integram as conjunções de primeira classe (cf. Barbosa, 1822: 350).
- ii) Conjunções não homólogas ou dissimilares^[14], que integram as conjunções de segunda classe.

No primeiro grupo, o autor inclui as copulativas, disjuntivas, explicativas e continuativas, enquanto que no segundo grupo inclui as adversativas, condicionais, causais, conclusivas, circunstanciais e subjunctivas. Nesta classificação parece-nos importante salientar o facto de as adversativas estarem no grupo das subordinadas e não haver distinção entre concessivas e adversativas.

Cunha e Cintra (1983: 576-577) apresentam a seguinte classificação das conjunções coordenativas e das subordinativas, presente em (9):

(9)Quadro síntese das conjunções coordenativas na perspectiva de Cunha e Cintra (1983: 576-577)

Conjunções coordenativas	Conjunções subordinativas
i) Aditivas: <i>e, nem</i>	i) Causais: <i>porque, pois, porquanto, como, pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que</i>
ii) Adversativas: <i>mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto</i>	ii) Concessivas: <i>embora, enquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de, apesar de que, nem que, etc.</i>
iii) Alternativas: <i>ou, ora...ora, quer... quer, seja..., nem</i>	iii) Condicionais: <i>se, caso, contanto que, salvo se, sem que [=se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que, etc.</i>
iv) Conclusivas: <i>logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim</i>	iv) Finais: <i>para que, a fim de que, porque [=para que]</i>
	v) Temporais: <i>quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas que, mal, que [=desde que]</i>
	vi) Consecutivas: <i>que, de forma que, de</i>

¹⁴[] A expressão do autor é *Conjunções Anhomologas, ou Dissimilares* (Barbosa, 1822:353).

	<p><i>maneira que, de modo que, de sorte que, etc.</i></p> <p>vii) Comparativas: <i>que, do que, qual, quanto, como, assim como, bem como, como se, que nem</i></p>
--	---

Matos (2003:565), com base na tradição espanhola, fala em três classes principais de conjunções coordenativas: copulativas, disjuntivas e adversativas^[15]. A autora apresenta depois os conectores, que são divididos em contrastivos, explicativos e conclusivos (Matos, 2003: 569).

A distinção entre conjunções e conectores assenta no facto de estas expressões estabelecerem nexos característicos das conjunções coordenativas, mas também apresentarem valores semelhantes aos complementadores. Em suma, não apresentam as características formais das conjunções de coordenação, aspecto que será explorado na próxima secção deste trabalho.

Colaço (2005: 4) argumenta que as conjunções têm a ver com onexo semântico que permitem estabelecer com os constituintes que integram a estrutura coordenada. Defende, por conseguinte, a existência de três subclasses nas coordenadas:

- i) Copulativas ou aditivas.
- ii) Disjuntivas ou alternativas.
- iii) Adversativas ou contrafactuais.

Estas são, por vezes, consideradas as ‘conjunções puras’ (Colaço, 2005: 25).

2. DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

Segundo Quirk et al. (1985:13), não existe uma fronteira clara entre coordenação e subordinação^[16].

Matos (2003: 551) apresenta uma definição simples para coordenação “é um processo de formulação de unidades complexas. Caracteriza-se por combinar constituintes do mesmo nível categorial – núcleos ou constituintes plenamente expandidos, i.e., sintagmas ou frases – que desempenham as mesmas funções sintácticas e semânticas”. Todavia, a referida autora (Matos, 2003: 552) salienta que a coordenação partilha com a subordinação a propriedade de formar unidades complexas.

¹⁵] Galán Rodrigues (1999: 3855): “Tradicionalmente se habla de tres tipos de coordinación: copulativa, disjuntiva y adversativa.”

¹⁶] O referido autor aplica esta ideia ao conector *for*.

No nosso ponto de vista, esta definição poderá ser demasiado simples^[17], na medida em que o importante é apresentar as diferenças fundamentais e formais que distinguem coordenação e subordinação (Matos, 2003:552-553):

- i) a coordenação opera sobre todos os tipos de categorias sintácticas, ao passo que a subordinação opera sobre unidades oracionais frásicas;^[18]
- ii) na subordinação, a oração desempenha sempre na subordinante uma função sintáctica e uma função semântica, mas isto não acontece na coordenação.^[19]
- iii) os constituintes das coordenadas têm pouca mobilidade.

Relativamente ao critério iii), a aparente mobilidade dos termos coordenados apresentada nalguns trabalhos tradicionais poderá resultar de manipulação dos exemplos (cf. Matos, 2003: 554). Adicionalmente, os gramáticos tradicionais apenas consideram os casos em que os termos são semanticamente simétricos e formalmente independentes um do outro, sendo irrelevante qual deles ocupa a posição de coordenante e de coordenado. As coordenações assimétricas, que são casos de fronteira (Matos, 2003:555), são ignoradas pela tradição Luso-Brasileira. Estas construções estabelecem nexos semânticos entre os membros coordenados que, do ponto de vista semântico, se aproximam da relação entre subordinante e subordinada. Todavia, esta relação é apenas semântica.

Torna-se, portanto, complexo no caso das coordenadas assimétricas fazer a distinção entre coordenação e subordinação. Aliás, alguns exemplos são formalmente coordenação, mas **semanticamente** são subordinação.

Nestes casos constata-se dois aspectos importantes:

- 1) Nenhum dos membros apresenta a mobilidade características das subordinadas.
- 2) Os membros coordenados podem ocorrer com autonomia em fragmentos discursivos distintos. (Matos, 2003: 556).

Daí que Matos (2003:557) conclua que: “a distinção entre coordenação e subordinação é sobretudo de ordem formal e não semântica.”

¹⁷[] Lobo (2001:1; 2003: 16), por exemplo, salienta que “a não universalidade dos critérios que definem a coordenação vs. subordinação e a dificuldade de aplicação dos critérios no caso das adjuntas impede muitas vezes uma classificação definida.”

¹⁸[] De acordo com Garcia (1999:3513), “Convencionalmente, se puede aplicar el término ‘coordinación’ tanto a la unión de frases como de oraciones, en tanto, la ‘parataxis’ sólo se aplica a la unión de oraciones.”

¹⁹[] Como já foi afirmado, algumas das subordinadas adverbiais também podem não desempenhar uma função sintáctica.

Como já foi referido, um dos critérios fundamentais para a distinção entre coordenadas e subordinadas é a mobilidade, sendo mesmo considerado como um dos principais critérios pela maioria dos autores (Lobo, 2001, 2003; Matos, 2003; Matos e Prada, 2004; Lopes, 2004). No caso da coordenação não é possível mover os elementos sem alterar o sentido ou criando frases agramaticais (Lopes, 2004; Rodrigues, 1999; Lobo 2003), como se observa em (10) e (11):

(10) Há lugar para muitas coisas mas não para detritos nucleares.

(11) * Mas não para detritos nucleares, há lugar para muitas coisas.

Como se constata em (10) e (11), não é possível inverter a ordem das orações coordenadas. Como afirma Matos (2003), quando se fala em paralelismo e na possibilidade de mobilidade para as coordenadas está-se a considerar, sobretudo, exemplos com a conjunção *e*.

Se confrontarmos (10) e (11) com (12) e (13) constatamos que nas orações subordinadas há maior mobilidade.

(12) As pessoas estavam conformadas porque a manhã já estava estragada.

(13) Porque a manhã já estava estragada as pessoas estavam conformadas.

Um outro critério tradicionalmente apresentado (Lopes, 2004:62) assenta no facto de na coordenação nenhuma das orações assumir um papel sintáctico ou semântico em relação à outra, ao passo que na subordinação a subordinada desempenha uma função sintáctica e uma função temática em relação à oração subordinante.

Lopes (2004: 65), Quirk *et al.* (1985: 921-927), Lobo (2003), Matos (2003) e Colaço (2005) apresentam os seguintes critérios sintácticos para fazer a distinção entre coordenação e subordinação:

- i) As conjunções coordenativas ocupam sempre a posição inicial na oração que introduzem.

(14) As pessoas talvez não saibam ler nem escrever, mas sabem em quem votam.

- ii) Impossibilidade de movimento da oração coordenada (vd. (10) e (11)).

- iii) As conjunções coordenativas não podem ser antecidas de uma outra conjunção.

(15) *A medida [propinas] não é simpática, mas é necessária e mas pode ajudar.

- iv) As conjunções coordenativas podem ligar constituintes não frásicos.

(16) A rapidez da feitura e a solicitação às mais diversas condições de produção (cinema / televisão, vídeo / película, ficção / documentário) são parte do «enigma Ruiz» (neste caso, coordenação de SNs).

- v) As conjunções coordenativas podem ligar orações subordinadas.

(17) Mudaram-se os tempos, mas porque não mudaram as vontades, continuou o filme a falar-nos da América.

vi) As conjunções coordenativas podem ligar mais de duas orações.

(18) Chegou atrasado, (e) vinha aflito e chegou sem fôlego.

(19)*Estava feliz, mas não sorria, mas não mostrava alegria.

Este critério não se aplica à conjunção *mas*, que é essencialmente binária (Ali, 1931: 221-222), parecendo, assim, apresentar uma certa especificidade relativamente ao *e* ou até ao *ou*.

vii) A posição que os clíticos assumem. Na subordinação em PE os pronomes aparecem na posição de próclise (na de coordenação em ênclise).

(20) Ela comprou o livro porque o adorava.

(21) Ela gostou do livro e deu-o ao irmão.

(22)*? Ela gostou do livro e o deu ao irmão.

Todavia, como salienta Lopes (2004: 80, com base em Lobo, 2003 e Quirk *et al.*, 1985), este último critério não pode ser aplicado às orações infinitivas, uma vez que nestas há a oscilação entre ênclise e próclise. Para além de não se aplicar ao PB.

viii) Em línguas que não admitem sujeito nulo, como o francês e o inglês, é possível suprimir o sujeito da segunda oração nas estruturas coordenadas (vd. (23), (25) e (26)). O mesmo não se verifica nas estruturas subordinadas (vd. (24), (27)).

(23) John came to visit me and [he] brought me a present.

(24)*John felt terrible because [he] lost his job.

(25) Il a pris la serviette de la vieille et [il] a dit...

(26) Il l'a installée à la cuisine et [il] lui a présenté tous les plats.^[20]

(27)*Michelle va chez le docteur parce qu'[elle] veut être en pleine forme.

Como conclusão, podemos afirmar que é possível realizar alguns testes que nos permitem distinguir coordenação de subordinação, procedendo, assim, a uma distinção a nível formal, estabelecendo semelhanças e diferenças, graus de proximidade entre coordenação e subordinação.

²⁰[] (25) e (26) são frases do conto "Le Prince Pot-au-feu".

Estes critérios vão ser posteriormente testados para constatar se algumas conjunções se comportam como coordenadas ou subordinadas (em 3. e 4. Deste trabalho).

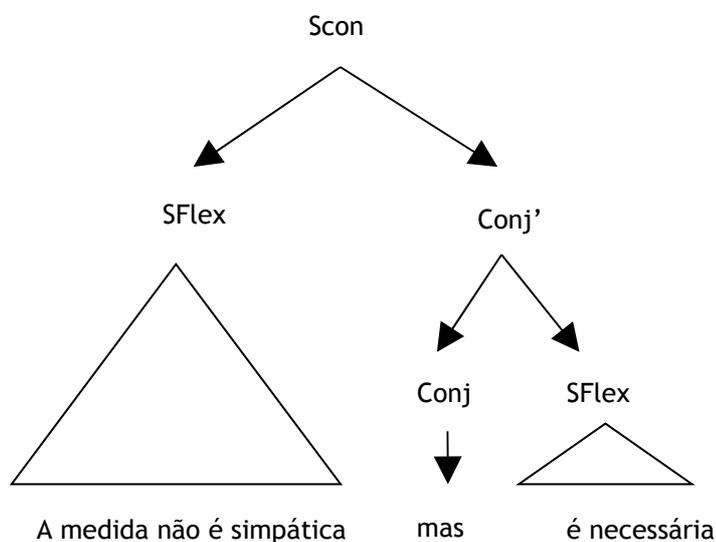
Em suma, podemos concluir que as estruturas coordenadas apresentam, pelo menos aparentemente, um paralelismo formal entre os membros coordenados. Este paralelismo pode ser de diferente ordem: categorial, gramatical ou semântico (Matos, 2003:581). O paralelismo, no ponto de vista de Matos (2003:581) deve ser visto como “um garante da coesão textual”. Uma das distinções mais notórias entre coordenação e subordinação assenta no facto de os membros terem estatuto formal igual, “nenhum desempenhando qualquer função sintáctica ou semântica dentro do outro.” (Matos, 2003: 581). No entanto, este critério é questionável, como já foi referido.

Em síntese, deve-se ter em conta os seguintes aspectos, em relação à coordenação:

- i) a possibilidade de coordenar constituintes categorialmente diversos desde que eles mantenham as mesmas relações gramaticais e semânticas;
- ii) a possibilidade de estabelecer entre os membros coordenados nexos semânticos próximos das estruturas formadas por subordinação, embora os termos coordenados mantenham paralelismo sintáctico.

Tendo em conta as diferentes perspectivas mais recentes, a representação mais adequada para uma estrutura de coordenação parece ser a representada em (28). Esta estrutura tem por base (Kayne, 1994 e Johannessen, 1998).

(28) Representação da estrutura de coordenação (Matos, 2003:560).



(cf. Matos, 2003:560)

Esta representação tem por base a noção que a conjunção coordenativa é uma categoria funcional com uma projecção própria (Kayne, 1994; Johannessen, 1998; Colaço, 2004; Colaço, 2005). Segundo Colaço (2004; 2005) este núcleo combina o traço funcional com traços categoriais lexicais, transformando-o, assim, num núcleo com propriedades distintas (Colaço, 2004: 448).

3. COORDENADAS ADVERSATIVAS E CONCESSIVAS

Matos e Prada (2004:701), com base em outros autores^[21], defendem que as adversativas têm o valor de contraste^[22]. As autoras definem *contraste* como a relação de não compatibilidade que, explícita ou implicitamente, se estabelece entre propriedades ou situações denotadas por duas expressões linguisticamente articuladas (Matos e Prada, 2004: 702).

Por outro lado, admite-se que as adversativas e concessivas são estruturas alternativas (vd. Lopes, 1972)^[23]. Segundo, Flamenco Garcia (1999) e Varela (2000), as *concessivas* expressam a *contraditória de uma causa e as adversativas a contraditória de uma consequência*.

Todavia, Matos e Prada (2004:702) defendem que nem todas as concessivas encontram paráfrases adversativas. Uma propriedade distintiva entre estas duas estruturas é a da mobilidade, como já foi referido na secção anterior (com base em Quirk *et al.*, 1985; Lobo, 2001, 2003; Matos, 2003; Lopes, 2004; Matos e Prada, 2004). Se compararmos (29), (30), (31) e (32) constatamos que as coordenadas adversativas (comparar (29) e (30)) não permitem a mobilidade. Por outro lado, (31) e (32) já são ambas gramaticais.

(29) Não é o Watergate mas sempre é algo para investigar .

(30)* Mas é sempre algo para investigar, não é o Watergate.

²¹[] Lopes, 1972; Peres, 1997, 1999; Martelota, 1998; Varela, 2000; Prada, 2002, 2003; Costa, 2005.

²²[] Costa (2004: 495) apresenta três valores semânticos de conexão contrastiva:

- i) Oposição ou antítese- as adversativas;
- ii) concessão- subordinativas concessivas;
- iii) contraposição- associadas a *enquanto que*.

²³[] Scorretti (1991: 230) defende que as adversativas apresentam características das subordinadas porque, ao contrário das outras coordenadas, são binárias, não são simétricas. Por outro lado, também não podem ser antecipadas, nem combinadas com outra coordenada.

(31) Embora não soubesse uma nota de música, trauteava e compunha por intuição.

(32) Trauteava e compunha por intuição, embora não soubesse uma nota de música.

Um dos outros critérios apontados é a ligação com os constituintes não-frásicos, como já foi analisado na secção anterior. As adversativas podem articular-se com constituintes não frásicos (Lobo, 2003; Lobo, 2004; Matos e Prada, 2005: 706), o mesmo não se verificando com as concessivas, como se verifica em (35) e (36).

(33) Há, porém, nisto tudo algo de paradoxal.^[24]

(34) Bom, mas deixemos os aborrecimentos de lado (Matos e Prada, 2005:706).

(35)* Há embora nisto tudo algo de paradoxal.

(36)* Bom, embora deixemos os aborrecimentos de lado (Matos e Prada, 2005: 706).

Um outro teste que nos parece elucidativo, reporta-se à colocação dos clíticos (Matos, 2003; Lobo, 2004; Matos e Prada, 2005). Em PE, a coordenação conduz à ênclise (V clítico), a subordinação implica próclise (ordem clítico V), como se observa em (37), (39).

(37) Está demasiado triste, mas faz-lhe bem viajar.

(38)?* Está demasiado triste, mas lhe faz bem viajar.

(39) Embora se considere importante, ninguém lhe liga.

(40)* Embora considere-se importante, ninguém lhe liga.

No caso de (38), talvez seja admissível em PB, mas não para o PE. No entanto, constatamos que no caso das frases coordenadas o pronome aparece em ênclise, ao passo que na subordinação ocorre antes do verbo (próclise).

Uma outra possibilidade a testar reside igualmente no comportamento com advérbios de polaridade e uma estrutura elíptica. A coordenação adversativa permite a construção com advérbios de polaridade e construções elípticas, o mesmo não acontecendo com as concessivas, como podemos observar em (41), (42), (43) e (44).

(41)a. Ele não gostou da festa, mas da prenda sim.

b...mas da prenda sim [mas gostou da prenda].

(42)*Ele não gostou da festa, embora da prenda sim.

(43)*Ele não gostou da festa, apesar da prenda sim.

²⁴[] *Porém* é, no entanto, diferente de *mas*.

(44)O Pedro não chegou, mas a Paula sim.

Em síntese, constata-se que as coordenadas adversativas não são estruturas de subordinação, atendendo aos seguintes factores:

- i) Não podem ser antepostas.
- ii) Não admitem coordenação.
- iii) Não admitem próclise.

Lobo (2003: 58) resume da seguinte forma as características das coordenadas adversativas e das subordinadas subordinativas:

(45)Estatuto coordenativo/ subordinativo dos coordenadores adversativos e concessivos.

	Testes sintácticos			
	Anteposição	Co-ocorrer com coordenada	Ligação com constituintes não frásicos	Posição dos clíticos: próclise
<i>e</i>	*	*	√	*
<i>mas</i>	*	*	√	*
<i>Embora</i>	√	√	*	√
<i>Ainda que</i>	√	√	*	√
<i>Mesmo que</i>	√	√	*	√
<i>Apesar de que</i>	√	√	*	√
<i>Se bem que</i>	√	?	*	√

Como se pode ver pelo quadro (45), a distinção entre *embora* e *mas* difere na anteposição (47), na ocorrência com coordenadas ((51) e (52)), na ligação com constituintes não frásicos ((48) e (49)), e na posição em próclise dos pronomes (50).

(46)Dos seus pés ainda nasceu alguma coisa, embora o resto da equipa não ajudasse grande coisa.

(47)Embora o resto da equipa não ajudasse, dos seus pés nasceu alguma coisa.

(48)Estava cansado, mas feliz (coordenação de SAdv).

(49)*Estava cansado, embora feliz.

(50)Cumprido o estipulado, embora fosse difícil fazê-lo.

(51)Embora ele esteja velho e embora esteja doente, publicou um livro.

(52)O filme chamou-se «Objectivo Burma» e, embora mais «sério», resultava no mesmo.

4. COORDENADAS EXPLICATIVAS E SUBORDINADAS CAUSAIS

A existência de coordenação com valores próximos da causa não é pacífica (Lobo, 2001:1). Lobo (2001:1) refere Dias (1881), Coelho (1891), Bechara (1999), que remetem as causais para a subordinação. A autora menciona ainda que, nalgumas gramáticas, as conjunções coordenativas explicativas reaparecem nas subordinativas causais. De facto, outras gramáticas apenas falam em causais, não estabelecendo diferença entre causais e explicativas (Barbosa, 1922), enquanto que, por exemplo, as gramáticas inglesas distinguem entre causais subordinadas e causais coordenadas (Quirk *et al.*, 1985).

Estas classificações distintas apontam, no nosso ponto de vista, para a dificuldade em classificar as causais e as explicativas, até pelo facto de algumas conjunções poderem ser incluídas em mais do que uma categoria, quanto ao tipo de conexão frásica. Cunha e Cintra (1983:577), por exemplo, colocam a conjunção *pois* nas conjunções coordenativas conclusivas, explicativas e nas subordinadas causais (Cunha e Cintra, 1983:581), como se verifica em (53), (54) e (55).

(53)As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. (Cunha e Cintra, 1983: 576)-conclusiva.

(54)Dorme cá, pois quero mostrar-lhe as minhas fazendas. (Cunha e Cintra, 1983: 576)- explicativa.

(55)Tio Couto estava sombrio, pois aparecera um investigador da polícia perguntando pelo Gervásio (Cunha e Cintra, 1983:582)- subordinativa causal^[25].

No caso do alemão a diferença explicativas/ causais reside na diferença entre *denn* e *weil*, que colocam o verbo em posições diferentes.

No caso do francês a diferença entre *car*, com o estatuto coordenativo explicativo (Lobo, 2001:2), e *parce que*, *puisque*, *comme*, subordinativas causais, reside na impossibilidade de a oração introduzida por *car* aparecer anteposta e, portanto, ser coordenada.

Quirk *et al.* (1985) e Demonte (1999) incluem todas as estruturas causais nas subordinadas, embora reconheçam alguma proximidade com os conectores coordenativos.^[26] Lobo (2001:3) faz a descrição do comportamento sintáctico das várias estruturas que exprimem causa no PE.

²⁵[] Este exemplo de Cunha e Cintra surge nas conjunções subordinativas causais, não apresentando nenhuma razão formal para esta classificação.

²⁶[] Lobo (2001:2) usa as expressões conjunções e conectores.

A dificuldade reside igualmente em definir o conceito de causa. Segundo Lopes (2004:13), este conceito “não é homogéneo, nem unitário”, implicando “um certo grau de subjectividade” (Lopes, 2004: 14). A autora cita Lopes (1972), que analisa a causalidade à luz do cálculo de predicados e que menciona as lacunas da gramática tradicional em explicar estas construções, nomeadamente a diferença entre coordenação e subordinação adverbial.^[27]

Podem, portanto, ser estabelecidas diferentes relações de causalidade, que influenciam a problemática da classificação das causais e explicativas.

4.1 NOÇÕES DE CAUSA (CRITÉRIOS SEMÂNTICOS)

As gramáticas latinas distinguem a causa real da causa lógica (cf. Lopes, 2004:17):

- i) Causa real- “exprime uma relação entre um facto ou estado de coisas encarado como causa e outro facto ou estado de coisas, encarado como efeito subsequente (*causa externa*) ou entre um facto e estado de coisas encarado como resultado (*causa Interna*).”
- ii) Causa Lógica- uma explicação ou justificação de um juízo previamente conhecido.

Lopes (2004: 18) apresenta ainda outra divisão, com base em Renzi e Salvi (1991).

- i) Causa efectiva- exprime a relação entre dois factos do mundo de referência.
- ii) Causa formal- exprime a relação entre um facto e uma propriedade que explica esse facto.

Outra distinção possível é a seguinte:

- i) Causa de re- (Lopes, 2004: 18), ou do enunciado- “é a que se estabelece entre o conteúdo preposicional dos enunciados, ou seja, entre os estados de coisas descritas nas orações conectadas”.
- ii) Causa de dicto (Lopes, 2004:19)-“é a que se estabelece com o facto de se ter dito alguma coisa, ou seja, com o próprio acto de fala”.

Quirk *et al.* (1985) estabelecem outras relações, falam em razão directa (causa de re) e razão indirecta (causa de dicto).

²⁷[] Lopes (2004: 16) afirma: “a proposta de Lopes 1972, no sentido de analisar certas orações à luz do cálculo de predicados, teve o enorme mérito de evidenciar as lacunas de tratamento que a gramática tradicional faz destas questões e a sua incapacidade para explicar as relações que se estabelecem efectivamente nos vários tipos de construções ditas de coordenação e subordinação adverbial.”

Lobo (2003), por outro lado, argumenta que existem dois grupos semânticos de construções causais.

a) As causais propriamente ditas.

b) As causais explicativas.

As primeiras exprimem uma relação causa/razão. A subordinada é interpretada como *causa* e a matriz como *efeito* (Lopes, 2004:22, com base em Lobo, 2003). As orações *explicativas*, por outro lado, exprimem uma causalidade indirecta.

Como se constata, a literatura aponta terminologia variada e diferente, o que comprova a nossa teoria da complexidade destas construções, que não podem continuar a ser analisadas de forma simplista como na tradição gramatical Luso-Brasileira, uma vez que as diferentes noções semânticas vão ter influência no tipo de relação estabelecida.

Conclui-se que os conectores *pois*, *que* e *porque* explicativos apresentam um comportamento diferente dos restantes conectores causais, aproximando-se mais dos conectores coordenativos (cf. Lobo, 2001: 4).

Lopes (2004:17) defende que a causa assume formas diferentes porque o antecedente pode ser uma causa no sentido estrito, uma razão, um motivo, uma explicação ou justificação do conseqüente e o conseqüente pode ser um efeito. Aliás, as gramáticas latinas estabelecem distinção entre causa real e causa lógica.

4.2 CRITÉRIOS SINTÁCTICOS

Através de testes sintácticos de natureza distribucional (com base em Quirk *et al.*, 1985; López Garcia, 1999; Lobo, 2003; Lopes, 2004) torna-se possível distinguir explicativas da subordinadas causais:

i) Impossibilidade/ possibilidade de a oração ser precedida de conjunção coordenada

(56)*Muitos pensam que «a procissão ainda vai no adro», pois o calendário lealista está recheado de cortejos durante este mês e pois há muito a fazer.

(57)A pataca tem alguma resistência porque está indexada ao dólar e porque a economia deles está melhor.

ii) Impossibilidade/ possibilidade de a oração ocupar a posição inicial

(58)Em estúdio não resultou porque ninguém conseguiu reproduzir esse ambiente de festa.

(59)Porque ninguém conseguiu reproduzir esse ambiente, em estúdio não resultou.

(60)*pois o calendário lealista está recheado de cortejos durante este mês, muitos pensam que «a procissão ainda vai no adro».

Nesta última frase é impossível mobilidade, o que permite concluir que se trata de uma coordenada. No entanto, seria possível inverter a ordem se a frase começasse por *porque* ou *uma vez que*, como se comprova em (61) e (62):

(61) porque o calendário lealista está recheado de cortejos durante este mês, muitos pensam que «a procissão ainda vai no adro».

(62) uma vez que o calendário lealista está recheado de cortejos durante este mês, muitos pensam que «a procissão ainda vai no adro».

- iii) Possibilidade/impossibilidade de os clíticos ocorrerem em próclise (a subordinada desencadeia próclise, a coordenada desencadeia ênclise).

(63)Se não concorreu foi porque se sentia fisicamente enfraquecido.

(64)*Se não concorreu foi porque sentia-se fisicamente enfraquecido.

(65)O Pedro veio ter comigo pois tinha-me visto.

(66)?*O Pedro veio ter comigo pois me tinha visto.

- iv) Impossibilidade/possibilidade de a conjunção ligar constituintes não frásicos

(67)*Ele está aborrecido, pois enervado.

(68)*Ele está aborrecido porque enervado.

Este critério parece não se aplicar ao *porque*, mesmo quando pode ser considerado explicativo.

(69)*Ele não está aborrecido, pois sim

(70)Ele está zangado porque sim.

Nalgumas adverbais este critério também pode ocorrer e também é mais claro este critério com *mas* e *e*.

Em função destes critérios Lobo (cf. Lobo, 2003:51^[28]) aponta o seguinte quadro do estatuto mais coordenativo e mais subordinativo dos conectores causais e explicativos (71):

(71)Estatuto coordenativo ou subordinativo dos conectores causais e explicativos

	Testes sintácticos			
Conjunções/	Possibilidade de	Possibilidade de	Possibilidade de	Posição dos

²⁸[] Lobo (2003:51) apresenta mais exemplos, no nosso caso foram apenas retirados os conectores utilizados no presente trabalho.

conectores	ocupar posição inicial	ser coordenada	ligar constituintes não-frásicos	clíticos: próclise (vs. ênclise).
e	*	*	√	*
mas	*	*	√	*
pois	*	*	*	*
Porque (explicativo)	*	*?	*	*?
porque	√	√	*	√?

Em síntese, as causais subordinadas apresentam as seguintes propriedades:

- i. São orações que funcionam como adjuntos a nível oracional;
- ii. admitem anteposição;
- iii. não admitem extracção no seu interior,
- iv. admitem a coordenação;
- v. são introduzidas por conectores que ligam tipicamente constituintes oracionais;
- vi. manifestam próclise.

CONCLUSÃO

A distinção entre coordenação e subordinação pode, em algumas situações, apresentar-se complexa, não devendo ser encarada simplesmente como uma questão de dependência ou de paralelismo.

Após a consulta da literatura e da análise do corpora, concluímos que existem algumas diferenças centrais que nos permitem distinguir coordenação de subordinação, no caso das adversativas vs. concessivas e explicativas vs causais:

- i) A impossibilidade de mobilidade da oração coordenada.
- ii) A impossibilidade de ser antecedida por outra coordenada.
- iii) Os pronomes clíticos ocorrem em ênclise na coordenada (PE).

No entanto, existem algumas situações de fronteira, nomeadamente entre coordenadas e subordinadas adverbiais e as próprias conjunções/ conectores podem apresentar alguma especificidade que lhes permitem em determinados critérios ter um comportamento mais adequado à coordenação e noutros à subordinação. O conector causal *porque*, por exemplo, é aparentemente ambíguo entre coordenador e subordinador, do ponto de

vista dos seus valores semânticos. Formalmente, uma hipótese é estarmos sempre perante uma conjunção de subordinação, o que varia são os nexos semânticos.

Conclui-se, portanto, que os critérios mais adequados para determinar as diferenças entre coordenação e subordinação são os seguintes (Quirk *et al.*, 1985; Matos, 2003; Lobo 2004; Lopes, 2004):

- ix) As conjunções coordenativas ocupam sempre a posição inicial na oração que introduzem.
- x) Impossibilidade de movimento da oração coordenada.
- xi) As conjunções coordenativas podem ligar constituintes não frásicos.
- xii) As conjunções coordenativas podem ligar orações subordinadas.
- xiii) As conjunções coordenativas podem ligar mais de duas orações²⁹.
- xiv) A posição que os clíticos assumem. No PE, com as coordenadas os clíticos ocorrem em ênclise, na subordinada a próclise.
- xv) Em línguas que não admitem sujeito nulo, como o francês e o inglês, é possível suprimir o sujeito da segunda oração das estruturas coordenadas. O mesmo não se verifica nas estruturas subordinadas (vd. (23), (24), (25), (26) e (27), na secção 2.).

Um outro aspecto a ter em consideração são noções semânticas, que não foram profundamente analisadas neste trabalho, ainda que esta possa ser uma hipótese para uma análise futura. Embora a semântica interfira com a sintaxe, optou-se por dar maior relevo aos critérios sintácticos, visto a dependência semântica não implicar necessariamente dependência sintáctica (cf. Lobo, 2003: 59-61). Em síntese, tem de se ter em linha de conta vários aspectos e considerar que coordenadas e subordinadas adverbiais apresentam aspectos em comum, assim como diferenças. Talvez o mais adequado seja falar em graus de coordenação e subordinação, ideia que, no entanto, também não exploramos em toda a sua dimensão.

²⁹[] Mas é uma excepção, sendo essencialmente binário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ali, M. Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1931.
- Barbosa, Jerónimo Soares. *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. Lisboa. Academia de Ciências de Lisboa, 1822.
- Bechara, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- Carvalho, Cristina dos Santos. *Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas*. VEREDAS- Ver. Est. Ling., Juiz de Fora, v. 8, n.1, p.9-27, Jan./Jun, 2004. Citado por Marques (2006).
- Coelho, Adolfo. *Noções Elementares de Grammatica Portugueza*, Lemos & Cia Ed., Porto, 1891. Citado por Lobo (2001).
- Colaço, Madalena (2004). “A Geometria dos traços das orações coordenativas: a especificação categorial de Conj e a impossibilidade de movimento assimétrico.” in Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 2004, pp.443-454.
- Colaço, Madalena. *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extracção*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2005.
- Costa, Ana Luísa. “Aspectos Sintáctico-Semânticos de Estruturas Contrastivas”. in Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2005, pp. 495-507.
- Cunha, Celso e Cintra, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Costa, Lisboa, 1983.
- Dias, Augusto Epifânio da Silva. *Grammatica Portugueza Elementar*, 4ª ed. rev., 1881. Citado por Lobo (2001).
- Dik, Simon. *Coordination: its implication for the general theory of general linguistics*. Amsterdam. North-Holland Publishing Company, 1972.
- Garcia, Othon M.. *Comunicação em Prosa Moderna*. 23ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- Johannessen, J.B.. *Coordination*. Oxford University Press, 1998. Citada por Colaço (2004).
- Kayne, R.. *The Antisymmetry of Syntax*. MIT Press, 1994. Citado por Colaço (2005).

- Lobo, Maria. *Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português*. 2001. Consultada versão disponível em www.clunl.edu.pt/resources/docs/.../marialoboapl2000.pdf, acessido em 13/04/2009.
- Lobo, Maria. *Aspectos de Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- Lopes, Óscar. *Gramática Simbólica do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972.
- Lopes, Helena Couto. *Aspectos Simbólicos, Semânticos e Pragmáticos das Construções Causais. Contributo para uma reflexão sobre o ensino da gramática*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2004.
- López Garcia, Angel. “Relaciones Paratáticas y Hipotáticas”, in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol. 3, 1999. Entre la Oración y el Discurso. Morfología: cap. 54.
- Marques, Débora. *A coordenação e a subordinação nas perspectivas tradicional e funcionalista: confrontos*. 2006. Consultada versão disponível em www.gatilho.ufrj.br/debora_marques.pdf, acessido a 13/06/2009.
- Martelota, Mário. “Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas”. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1998. Citado por Matos e Prada (2004).
- Matos, Gabriela. “Estruturas de Coordenação.” In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho, Lisboa, 2003, pp 549- 592.
- Matos, Gabriela. “Parataxe: Coordenação e Justaposição- evidência a partir de elipse.” in Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2004, pp. 687-699.
- Matos, Gabriela e Prada, Edite. “Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas”. in Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2004, pp 701-713.
- Peres, João Andrade e Móia, Telmo. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Caminho, Lisboa, 2003
- Quirk, Randolph et al.. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. Longman, London,1985.
- Renzi, Lorenzo & Salvi Giampaolo, orgs. *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. II. I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. La subordinazione*, il Mulino, Bologna, 1991.

Rodrigues, Carmen Galán . “La subordinación causal y final”, in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol. 3, Entre la Oración y el Discurso. Morfología: cap. 56,1999.

Ross, J.. *Constraints on Variables in Syntax*. 1967. Dissertação de PhD. Citado por Colaço (2004).

Varela, Lina. *Para uma Semântica das Construções Concessivas e Adversativas do Português*. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,2000. Citado por Lobo (2001) e Costa (2004).

Scorretti, Mauro. “Le Strutture Coordinate”. in Renzi e Salvi (org.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. I*. Mulino, Bologna.,1991, pp. 227-270.